

HISTÓRIA

Há 50 anos, os marechais José Pessoa e Mário Travassos e o médico Ernesto Silva deixaram o Rio de Janeiro para conhecer o lugar onde um dia seria construída a nova capital do país

Viagem ao começo de tudo

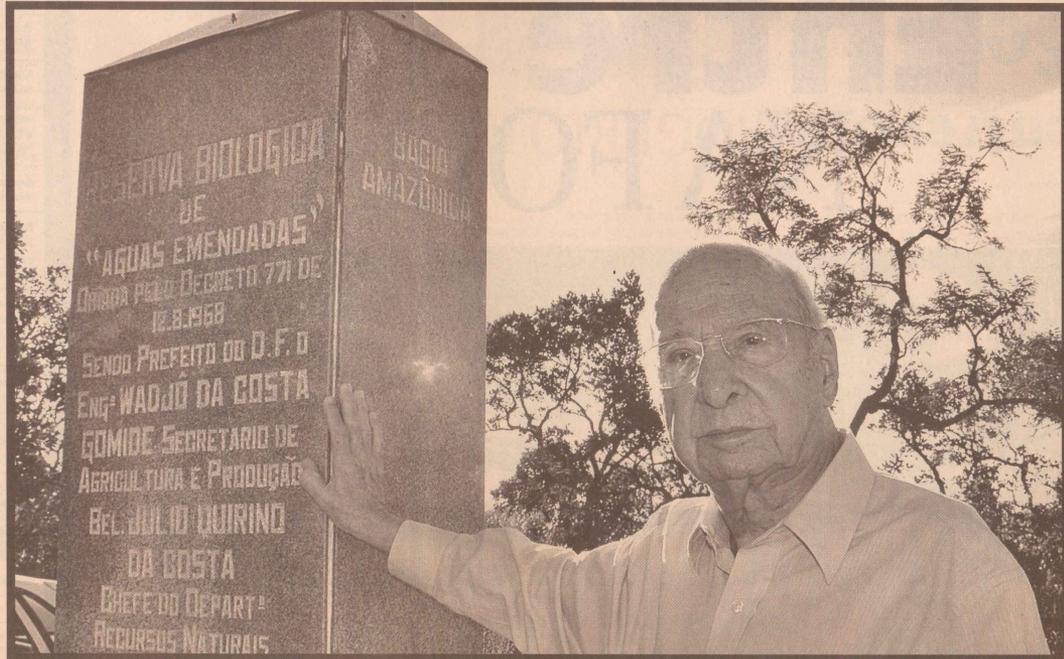
CONCEIÇÃO FREITAS

DA EQUIPE DO CORREIO

Muito dificilmente os nove homens de terno e lenço na lapela acreditavam que dali a cinco anos, dois meses e 16 dias o Brasil inauguraria a nova capital. Os nove funcionários do governo cumpriam o dever de ofício: visitar a região que iria acolher Brasília num futuro incerto e não sabido. Compunham o grupo os marechais José Pessoa e Mário Travassos, vindos do Rio de Janeiro, e as mais importantes autoridades de Formosa, Goiás: o prefeito Pedro Guimarães, o juiz João Conceição, o presidente da Câmara de Vereadores, Moacir Pereira Dutra.

Alguns traziam guarda-chuvas, para se prevenir de algum aguaceiro habitual naquele 5 de fevereiro de 1955. Um deles, o médico Ernesto Silva, fazia-se acompanhar de um chapéu panamá, ao velho e bom estilo dos homens da época. Doutor Ernesto era secretário da Comissão de Localização da Nova Capital, instância criada pelo governo federal para dar continuidade às providências de um velho sonho mudancista. Transferir a capital para o interior do país era um projeto tão recorrente quanto o de acabar com o analfabetismo — e, aparentemente, tão improvável quanto. Mas que, a cada novo governo, tomava impulso e depois sumia na vala comum.

Paulo H. Carvalho/CB



A VOLTA

Fazia cinco meses que o Marechal Pessoa havia assumido a presidência da Comissão de Localização da Nova Capital. Encontrou pronto o estudo feito pela Donald J. Belcher, empresa norte-americana de geologia, no qual apresentava cinco opções de sítios para a construção da nova capital. A cada um deles, deu o nome de uma cor: castanho, verde, vermelho, amarelo e azul.

Marechal Pessoa decidiu começar sua visita pelo sítio castanho. Ele, Travassos, seu assessor, e Ernesto Silva, seu secretário, saíram do Rio no dia 4 de fevereiro num avião da FAB, a Força Aérea Brasileira. Aterrissaram em Formosa e, em companhia das mais altas autoridades formosenses, visitaram a Lagoa Feia e as Águas Emendadas, ponto geográfico onde nascem águas que vão alimentar três grandes bacias brasileiras, a do Amazonas, do São Francisco e do Paraná.

De Formosa seguiram para Planaltina, onde eram esperados por um reboleto de estudantes uniformizados, prefeito, juiz, professores, o médico e o advogado, enfim, todas as pessoas importantes da cidade. O marechal e seus auxiliares foram levados à pedra fundamental de Brasília que havia sido fixada no ponto mais alto de Planaltina, em setembro de 1922, quase 50 anos antes. Mas ainda faltava o mais importante: conhecer o sítio castanho.

MEIO SÉCULO DEPOIS, ERNESTO SILVA VISITA A RESERVA DE ÁGUAS EMENDADAS, UM DOS PONTOS VISITADOS PELA COMISSÃO DE LOCALIZAÇÃO DA NOVA CAPITAL EM 5 DE FEVEREIRO DE 1955

Reprodução



O COMBOIO

SETE JIPES (UM DELES NÃO ESTÁ NA FOTO) CORTAM O CERRADO VINDOS DE PLANALTINA EM DIREÇÃO AO PONTO MAIS ALTO DA CIDADE A SER CONSTRUÍDA, O CRUZEIRO

Sete jipes enfileiraram-se por uma trilha em direção ao município de Luziânia, que fazia fronteira com Planaltina. Por volta do meio da tarde de 5 de fevereiro de 1955, a comitiva parou no lugar mais alto do sítio Castanho, a quase 50 metros de altura, onde hoje está fincado o cruzeiro, na praça em frente (ou atrás, dependendo

do ponto de referência) do Memorial JK. “É a verdadeira pedra fundamental de Brasília”, diz Ernesto Silva, nos seus lúcidos 90 anos. “Permanecemos por alguns minutos extasiados, a nos sentirmos pequeninhos ante a amplidão do céu azul do planalto fascinante...”, descreve doutor Ernesto em *História de Brasília*.

Encanto

“Desde então, ao assistir ao espetáculo deslumbrante daquele horizonte, ao sentir na face a brisa fresca do planalto, ao contemplar o feio e inexpressivo cerrado que, paradoxalmente, nos encanta e seduz, ao experimentar o clima seco, saudável, magnífico da terra em que pisá-

Reprodução



OS VISITANTES

DA ESQUERDA PARA A DIREITA, EM PÉ: MOACIR DUTRA, JOÃO CONCEIÇÃO, MÁRIO TRAVASSOS, PEDRO GUIMARÃES, JOSÉ PESSOA, RIBEIRO JÚNIOR, ERNESTO SILVA E FELIX DE MOURA

vamos, sentimo-nos apaixonados pela região e uma voz íntima nos dizia que ali mesmo, naquele cerrado, no centro da fazenda Bananal, é que a capital seria construída”. Assim está escrito em *História de Brasília*.

Um ano e meio depois, outra comitiva voltaria ao local. Desta vez, fariam parte o novo presidente

da República, Juscelino Kubitschek, o ministro da Guerra, marechal Henrique Lott, o vice-governador de Goiás, Bernardo Sayão, o arquiteto Oscar Niemeyer. Nela, Sayão mandaria fincar um cruzeiro feito de dois troncos retirados da região. Dali em diante, Brasília já não era somente sonho.